

## **A Paisagem como Produto Turístico: Turismo Contemplativo na Região de Santa Vitória do Palmar - RS**

Cláudia Brandão Schwab – Fundação Universidade do Rio Grande<sup>1</sup>

Taís Natália Cruz Pereira – Fundação Universidade do Rio Grande<sup>2</sup>

Gabriel Martins – Fundação Universidade do Rio Grande<sup>3</sup>

Ligia Dalchiavon – Fundação Universidade do Rio Grande<sup>4</sup>

### **Resumo**

O objetivo deste trabalho é propor o turismo de contemplação como uma alternativa ao desenvolvimento turístico da região de Santa Vitória do Palmar, no extremo sul do Brasil. Através de pesquisas bibliográficas e descritivo-exploratórias apontam-se características geográficas e culturais, o baixo índice de poluição sonora e do ar, o clima, a variedade de ecossistemas e o fato de não haver uma estrutura turística regional definida, como fatores favoráveis ao desenvolvimento do turismo contemplativo nesta região. Esta alternativa permitiria a inclusão social e o desenvolvimento econômico, afastando os riscos de massificação produto turístico. Considera-se ainda a facilidade em atrair o turista, que utiliza o município como corredor de acesso do Uruguai e Argentina para o Brasil e vice-versa.

Palavras chave: Turismo; Sustentabilidade; Paisagem como produto turístico.

### **Introdução**

O turismo contemplativo está intimamente ligado ao turismo de natureza e ao ecoturismo. Por suas características intrínsecas, acredita-se ser um dos potenciais ramos do turismo a ser desenvolvido na região de Santa Vitória do Palmar. Neste momento em que o município busca alternativas econômicas à monocultura arrozeira latifundiária, sua principal base econômica nas últimas décadas, o Turismo surge como uma grande possibilidade, devido a sua localização geográfica, caracteres históricos e potencial ambiental. A instalação do Campus Avançado da FURG – Universidade Federal do Rio Grande em Santa Vitória do Palmar, com o Curso de Turismo Binacional, vem atender a esta demanda.

---

<sup>1</sup> Licenciada em Letras Português/Espanhol-UNITINS/Pós-Graduanda em LIBRAS-FAEL/Acadêmica de Turismo Binacional-FURG-3º semestre – claudiaschwab@furg.br

<sup>2</sup> Acadêmica de Turismo Binacional-FURG-3º semestre – taisnatalia.cruzpereira@hotmail.com

<sup>3</sup> Acadêmico de Turismo Binacional-FURG-3º semestre – gabriel.silveira@yahoo.com.br

<sup>4</sup> Professor Orientador/Bacharel em Turismo-UFPEL/Mestre e Doutoranda em Letras –FURG-ligia\_tur@yahoo.com.br

O município, historicamente, funciona como um corredor de passagem de turistas. O Rio Grande do Sul é o maior portão de entrada do MERCOSUL – Mercado Comum do Sul, sendo que o Chuí é o 3º ponto de fronteira em volume de entrada de turistas, segundo dados da Secretaria de Turismo do Estado do RS (SETUR/RS, 2010) Desta forma, trazer o turista para a região não é um problema. O grande desafio é fazer com que este turista permaneça aqui, criar produtos turísticos capazes de despertar seu interesse para que programe uma pausa em sua viagem a fim de desfrutar dos atrativos. A evolução para transformar a região em destino final, seria um resultado natural, consequência de um trabalho bem planejado e executado com competência.

A opção pelo turismo contemplativo surge como uma alternativa inovadora, que corresponde às necessidades da sociedade pós-industrial e se adapta de forma muito conveniente às características culturais e ambientais da região. O relevo plano, a abundância de corpos de água, a riqueza da fauna, as peculiaridades da flora, a baixa incidência de luminosidade artificial noturna e de poluição da atmosfera, o litoral, os faróis, o casario antigo. A pouca poluição sonora. Uma gastronomia típica do pampa gaúcho, que inclui peixes do mar e das lagoas, o arroz e o butiá, hábitos culturais muito específicos e a luminosidade natural ímpar. O Rio Grande do Sul é, no Brasil, o estado que recebe os raios solares sobre a paisagem de forma mais inclinada, propiciando uma agradável surpresa a quem vem de outras regiões (BRAGHIROLI, 2009, p.20). Este conjunto de caracteres salta aos olhos, quando, em uma caminhada ou volta de bicicleta pelas ruas retas da cidade, se é surpreendido pelo sol se pondo sobre as águas da Lagoa Mirim, espetáculo visível de muitas das esquinas do centro urbano. E mais uma vez, faz-se necessário citar Carlos Delphim *apud* Braghirolli:

Os mais anódinos aspectos de um lugar passam comumente despercebidos de seus habitantes, podendo, contudo, parecer extraordinários a um forasteiro. Para um viajante, as mais extraordinárias sutilezas de um sítio substituem ou enriquecem fenômenos por demais familiares e corriqueiros para quem nele vive (2009, p. 20).

A partir dos aspectos apontados até aqui, e levando-se em consideração conceitos como conhecimento, contemplação, razão, emoção, sociedade pré e pós-industrial, traça-se um panorama das potencialidades da região para a prática do turismo

de contemplação e de uso da paisagem como produto turístico. Com isto o que se pretende é apresentar uma proposta alternativa e viável ao desenvolvimento do turismo em Santa Vitória do Palmar, tendo em vista a necessidade de outras opções à geração de emprego e renda.

## 1. A contemplação e o conhecimento

São apresentados aqui alguns conceitos filosóficos que embasarão a compreensão da contemplação como instrumento de equilíbrio na sociedade pós-moderna, começando por Sócrates, que reprovava a falta de consistência intelectual dos sofistas, por reduzirem o saber a seu caráter utilitário (RECH, 2005, p. 35). Platão dá continuidade e aprofunda os questionamentos socráticos. Há um mito platônico que conta a história de Er, um pastor que, levado ao Hades, encontrou-se com outros mortos, que lá estavam a contemplar as idéias. Estas almas puderam voltar a terra e escolher o tipo de vida que queriam levar. Aquelas que optaram por uma vida de riqueza e poder esqueceram tudo o que contemplaram, porém àquelas almas que escolheram viver com sabedoria, foi dado o dom de lembrarem-se das idéias contempladas, podendo alcançar, em vida, o conhecimento verdadeiro (RECH, 2005, p. 39-40).

Aristóteles, em sua *Ética a Nicômano*, fala da felicidade (*eudaimonia*) concebida como contemplação (*theorein*). Sobre isso, Sávio Laet de Barrios Campos, escreve:

[...] a contemplação (*theorein*), conquanto seja uma operação humana, isto é, realizável e adquirível pelo homem, transcende, ao mesmo tempo, a dimensão do humano, pois alcança, por assim dizer, o vértice da natureza do homem, fazendo com que ele entre no âmbito do divino, no escopo das coisas excelsas, que se encontram, pois, acima da sua natureza (CAMPOS, s/d, p.1).

Para Aristóteles, a essência do homem está em sua alma intelectual, é a razão que nos distingue dos demais animais, e é através da razão se chega à sapiência, que “direciona a contemplação das causas altíssimas”. Pela sapiência se alcança o limite de nossa natureza, no hábito de contemplar as coisas elevadas. Na contemplação, superamo-nos, alcançado a felicidade última, divinizando-nos (CAMPOS, s/d, p12).

A felicidade atingida pela contemplação nos dá condições de exercitar a liberdade interior, a liberdade de escolhas para nosso próprio bem e para o bem comum. “Aquele que mais cuida do espírito é mais amado pelos deuses” (LANGROUVA, 2006, p.39).

Já para o filósofo Merleau-Ponty, é a capacidade de percebermos o que nos cerca, dando significado ao que foi captado pelos sentidos que está na base do conhecimento. A filosofia deveria voltar-se às coisas como se apresentam a nós no mundo cotidiano. A consciência seria “sempre consciência *de* alguma coisa, e o objeto sempre *para* alguma consciência” (CARMO, 2000, p. 21).

Hanna Arendt, citada por Silva e Leonhardt (2008), divide as atividades humanas em vida ativa – que inclui o trabalho, o labor e a ação e o discurso; e vida contemplativa – que engloba as atividades mentais básicas como o raciocínio lógico, a cognição, o julgamento, a volição e o pensamento.

Este trabalho não se propõe ao estudo de teorias filosóficas, nem a explicar o processo mental do conhecimento. Com estas citações e referências pretende-se apenas apontar que contemplação e conhecimento são, desde a origem do pensamento ocidental, elementos essenciais para a compreensão do ser humano e estão vinculados à felicidade e ao livre arbítrio.

## **2. O turismo nas sociedades industrial e pós-industrial**

O turismo, desde suas origens, esteve diretamente relacionado ao modo de produção e ao desenvolvimento tecnológico, que determinam quem viaja e como viaja. O desenvolvimento da sociedade industrial trouxe como efeito o surgimento do turismo de massas. Os operários, transformados em máquinas pelas teorias fordistas e tayloristas e pelos modelos de produção em série, sem amparo de qualquer legislação trabalhista, enclausurados em centros urbanos cada vez mais poluídos e populosos, reivindicavam mais tempo de lazer e os industriais perceberam que este lazer era favorável ao sistema produtivo, pois recompunha as forças de seus operários. Tratava-se de uma “recreação racional”, normalmente exercida nos balneários ingleses, excelente alternativa aos *pubs* e à bebida, praticamente o único lazer acessível até então (BARRETO, 1999, p. 51-53).

A evolução da industrialização, dando origem a verdadeiras nações industriais, leva ainda hoje milhões de seres humanos a viajar em busca de novas realidades e fugir do cotidiano estressante do trabalho nas grandes cidades. Este processo tomou tal dimensão que, no entanto, o turista termina por encontrar, em seu tempo de lazer, ambientes superpopulosos, muitas vezes degradados, como efeito da massificação dos destinos (KRIPPENDORF, 2009, p. 9-10). O processo de evolução social que levou a este quadro também não é objeto aqui, porém é importante destacar o que Krippendorf chama de ciclo de reconstituição do ser humano na sociedade industrial:

Viajamos para recarregar as baterias, para reconstituir as forças físicas e mentais, Durante a escapada, consumimos o clima, a natureza e a paisagem, a cultura e os seres humanos das regiões visitadas, que transmutamos em espaços terapêuticos (KRIPPENDORF, 2009, p. 12).

A leitura da “Sociologia do Turismo”, de Krippendorf dá a dimensão deste processo: a necessidade que o ser humano tem de lazer e da quebra das rotinas, para não enlouquecer; a apropriação que a sociedade industrial fez desta necessidade, criando a cadeia produtiva do turismo e a necessidade de mudarmos o sistema do turismo de massas, sob o risco de perdermos o controle sobre os efeitos negativos do turismo no meio ambiente e a sociedade. Quando o autor fala em consumir ambientes e culturas, está sendo de fato, literal em sua colocação.

A tendência natural do homem a ter o que não está ao seu alcance é explorada pela indústria do turismo. Vive-se em uma sociedade do consumo, em que o ter é mais importante do que o ser. Porém, vive-se também uma nova revolução social, em que o tempo vago começa a superar o tempo de trabalho. Na era da informação, a sociedade industrial começa a ser substituída pela chamada sociedade pós-industrial. O mercado de trabalho passa a valorizar as atividades criativas e cada vez mais são substituídas as atividades físicas pelas mentais (DE MASI, 2000, p. 13 e 14).

A sociedade industrial permitiu que milhões de pessoas agissem somente com o corpo, mas não lhes deixou a liberdade para expressar-se com a mente. Na linha de montagem, os operários movimentavam mãos e pés, mas não usavam a cabeça. A sociedade pós-industrial oferece uma nova liberdade: depois do corpo, liberta a alma (DE MASI, 2000, p. 15).

Se for considerado que o turismo de massas se desenvolveu como uma resposta natural, como uma consequência da revolução industrial, é natural que se questione se este turismo responderá com eficiência, a essa “nova” sociedade que surge. Em um momento em que a restauração física era necessária ao homem-máquina, para que este retornasse às linhas de montagem e respondesse às necessidades mecânicas de seu trabalho, o turismo de balneário, de aventura, de lazer físico respondeu à altura. Porém, em uma sociedade que prioriza o trabalho intelectual e criativo, faz-se necessário despertar o intelecto, através de estímulos espirituais, da contemplação do belo e da natureza, um turismo que propicie paz de espírito e momentos de silêncio e fruição do meio e dos sentidos.

## **2.1 O turismo de contemplação**

O ecoturismo é um dos ramos do turismo que se desenvolveu bastante nos últimos anos, na esteira das discussões sobre preservação do meio ambiente. Trata de utilizar de forma sustentável o patrimônio natural e cultural, na busca de uma maior consciência preservacionista e desenvolvendo o bem-estar das populações receptoras. O turismo de contemplação tem se inserido no ecoturismo, e usa a interpretação dos ambientes como instrumento. Está diretamente relacionado à satisfação, à compreensão do meio e à possibilidade de viver e sentir a natureza. Aborda paisagens naturais ou não, sons, cores, fauna e flora, sempre tratando da fruição dos recursos de forma harmônica e sustentável (MAMEDE, 2004, p.1).

Importante considerar que o município, muito embora já encare o turismo como uma alternativa econômica não só viável, como desejável, ainda não desenvolveu uma identidade turística própria, o que facilita a criação de roteiros e passeios que explorem este aspecto. Reafirma-se o fato de que os turistas não precisam ser trazidos até aqui, estes passam pelo município diariamente.

Uma boa parcela destes turistas é oriunda da Europa, atraídos pela rudeza do litoral uruguaio, típicas de locais como Cabo Polônio ou Punta Del Diablo, e chegam principalmente ao Balneário da Barra do Chuí, pela proximidade e facilidade de acesso, além de estimulados pelas características ambientais e culturais similares.

Na Europa, na contramão da evolução dos trens de alta velocidade, há diversas linhas de trens turísticos que utilizam velocidades menores e vagões com amplas janelas, para que os passageiros possam contemplar as paisagens. Há, por exemplo, um restaurante panorâmico nos Alpes Suíços, onde o cardápio inclui a beleza que se vê pelas janelas: ao viajante é permitido alimentar o corpo, além de alimentar o espírito pelo que abarcam seus olhos (CIOFI, 2010, p. 3).

No pantanal matogrossense e na Amazônia, a contemplação de mamíferos já é uma realidade, assim como nos Safáris na África. Esta proposta, porém, se diferencia um pouco disso tudo. Trata-se aqui de estimular os cinco sentidos, através da percepção dos cheiros da natureza, de seus sons. Perceber a brisa, a umidade trazida pelo nevoeiro, os diversos matizes da luz natural de nossa região. Redescobrir o prazer de formar figuras nas nuvens, como quando crianças, ou descobrir o prazer infantil típico daqui, de adivinhar qual letra desenharão no céu os bandos de pássaros em revoada ao entardecer. Permitir-se descalçar os sapatos e sentir o pé no chão de grama ou areia. Colocar seu corpo em contato direto com tudo o que não tem em um grande centro urbano.

Paisagem é tudo aquilo que a visão humana pode alcançar. “A relação entre paisagem e turismo é íntima”, sendo aquele, matéria-prima deste (XAVIER, 2007, p.39). Xavier apresenta a paisagem como “uma combinação de objetos naturais e sociais fabricados pelo homem” (2007, p. 39). Sendo assim, a paisagem está intimamente ligada à identidade local. Ab’Sáber (*apud* Xavier, 2007) considera a paisagem como patrimônio coletivo dos povos. A contemplação permitirá ao turista perceber a paisagem compreendendo a cultura local. A compreensão leva à valorização e conseqüente conservação do objeto. O turismo de contemplação, portanto, trará como retorno a preservação do meio.

### **3. Potencialidades em Santa Vitória do Palmar**

#### **3.1. Região litorânea**

O litoral de Santa Vitória do Palmar, com aproximadamente 150 km de extensão, é ímpar: plano, com uma rica fauna marinha, os faróis e os concheiros, que são extensões de praia cobertas por uma camada de mais de um metro de profundidade

de conchas fósseis. Podem ser admirados os nasceres da lua e do sol sobre o mar, de uma coloração de céu especial, com uma gama de cores que vai do rosa ao azul mais profundo, passando por tons de laranja, vermelho e cinza. Há rebanhos de gado à beira mar e a flora típica das dunas revela também muitas surpresas.

Os faróis, admiráveis sob qualquer ponto de vista, possibilitam uma visão única da paisagem quando subimos até seu topo. Ao amanhecer ou ao entardecer permitem visualizar paisagens distintas. Dunas, falésias e a imensidão do mar adquirem cores e tonalidades diversas ao longo do dia. A barranca sobre a qual se encontra o farol da Barra do Chuí é um atrativo à parte, convidando também às trilhas. Do balneário e da beira da praia, o fecho de luz do farol é uma característica interessante a ser observada nas noites. Um roteiro a partir deste farol poderá incluir uma trilha ao Marco de Fronteira 1-P<sup>5</sup> e visita ao Museu Atelier<sup>6</sup>.

Os molhes da Barra do Arroio Chuí permitem a percepção do litoral uruguaio e do embate das águas do mar com as do Arroio, com a visão da imensidão do mar e do horizonte distante. O Arroio é navegável do litoral até a ponte, no Chuí, em pequenos barcos, que podem oferecer a apreciação do pôr-do-sol na chamada Curva da Baleia, o ponto geográfico mais meridional do Brasil. É possível realizar trilhas em suas margens, que permitirão a observação, inclusive, de sítios arqueológicos. Por sua extensão (mais de 60 km da foz até a nascente), pode ser admirado em um ambiente litorâneo ou rural; possibilitando a contemplação de aves e outros animais, da flora e do céu. O desfrute do ar puro, a visão do gado no campo, a visão das lavouras e das dunas ou das luzes dos pequenos núcleos urbanos ao longe, tudo é possível a partir do Arroio, inclusive, à noite, perceber o fecho do farol da Barra do Chuí sinalizando à distância.

Pela praia, em veículos leves e tracionados, ou em bicicletas ou charretes, partindo dos molhes da Barra do Chuí, podem-se realizar belos passeios, percorrendo dunas, gozando a flora e a fauna, balneários habitados ou não, passando pelos concheiros, farol Fronteira Aberta – hoje caído, Verga e Sarita, chegando até a Lagoa Mangueira, apreciando-se outro universo distinto; os cheiros e sons do mar, o vôo e os gritos das aves marinhas, a pureza do ar, eventuais encontros com animais marinhos

---

<sup>5</sup> Marco histórico de Fronteira, construção de 1852.

<sup>6</sup> Museu Atelier Hamilton Coelho, tem como foco principal a obra do autor Hamilton Coelho baseada no reaproveitamento de materiais de descarte marinho (ossos, madeiras de naufrágios), trabalhando também com a temática de educação ambiental e da inserção cultural.

provindos de águas mais frias, descansando sobre a areia branca, tudo convida ao estímulo dos sentidos e à meditação neste rico ambiente. Observando-se a seguir nas fotos imagens do litoral.

Figura 1: Fim de tarde no Balneário do Hermenegildo



Acervo pessoal dos autores, 2011

Figuras 2 e 3: Concheiro no Hermenegildo e Farol da Barra do Chuí



Fotos Alois Schäfer, 2009

### 3.2. Ambiente Lagunar

Segundo o “Atlas Socioambiental dos Municípios Mostardas, Tavares, São José do Norte e Santa Vitória do Palmar”, a Lagoa Mangueira, de águas alcalinas e límpidas, é uma formação geológica bastante nova (do período quaternário), que se caracteriza como um lago raso, rodeada de dunas que se movimentam pela ação do vento, depositando areia no seu leito, composto também por sedimentos fósseis marinhos. Em uma de suas margens possui um cinturão de plantas aquáticas, na outra,

areia quase sem vegetação. Abriga uma fauna rica, que inclui invertebrados aquáticos, insetos, aves, peixes, répteis e anfíbios. Aves diversas, como corujas, gaviões, garças, marrecas, cisnes de pescoço preto, flamingos e colhereiros, dentre muitas outras espécies. Mamíferos vários, como a capivara, o mão-pelada, ouriços e gatos-do-mato, são apenas alguns exemplos.

No assentamento rural ATLA – Associação dos Trabalhadores da Lavoura do Arroz, tem-se acesso às margens da Mangueira. Esta comunidade produz queijo, arroz orgânico, hortaliças e poderia ser incluída em um projeto de turismo contemplativo e rural. Passeios a pé, de charrete, de barco ou a cavalo, além da possibilidade de se chegar à Lagoa tanto pela zona rural quanto pelo litoral, criando atmosferas distintas.

A Lagoa Mirim, de constituição um tanto diversa, tem águas mais escuras e mais agitadas, é grandiosa em sua amplitude. Tem fauna similar, e flora de características pampeiras. É possível contemplar as estrelas do alto do prédio do Porto Pindorama ou da ponta de seu trapiche ou de suas margens, dentro do perímetro urbano; ainda, a observação de aves e mamíferos, passeios de barco, passeios a cavalo por suas margens e diversas outras opções que tenham como ponto de partida não só o Porto, mas diversas fazendas na zona rural, associando o turismo de contemplação a um turismo histórico ou rural.

Apreciação do pôr-do-sol ou da lua, das estrelas, da flora e fauna, percepção de sons da natureza, de aromas. Passeios a pé, a cavalo, de barco, de charrete. A atividade pesqueira artesanal é possível nas duas lagoas. E pode-se pensar seriamente em viagens de barco de Santa Vitória do Palmar a Jaguarão, com atividades a bordo voltadas à arte, como música, por exemplo, e momentos de contemplação da natureza. Na imagem, ilustração de uma das vistas do Porto Pindorama.

Figura 4: Canal da Lagoa Mirim – Porto Pindorama



Foto Giane Pellegrero, 2012

### 3.3. Zona Rural

O campo, em Santa Vitória do Palmar adquire características muito distintas quando próximo do mar ou na proximidade das lagoas. Tem um aspecto específico no entorno da zona urbana. Apresenta ainda outras características ao longo das margens do Arroio Chuí. Para o lado sul, podemos ver no horizonte a silhueta da serra de São Miguel, no Uruguai. À beira da BR 471, a planície cortada pela estrada, com todo o imaginário que carrega em sua simbologia íntima de levar e trazer pessoas e sonhos.

Há os resquícios dos palmares<sup>7</sup>, as plantações de arroz, rebanhos de gado, a revoadas dos mergulhões de oeste para leste ao amanhecer e no sentido inverso no final da tarde. Flores do campo, aves, o horizonte sempre amplo e limpo, capões de mata nativa espalhados pela paisagem. Em diversos locais, avistam-se no horizonte as águas de alguma das lagoas. Em outro ponto, vê-se ao longe a luz de algum farol. E à noite, a meio do campo, a visão do céu estrelado pode ser algo surpreendente; o som de aves, de insetos, anfíbios e do vento nas folhas das palmeiras são aspectos a serem destacados. Imagem de palmeira na zona urbana.

Figura 5: Palmeira ao vento sob o sol do entardecer



Acervo pessoal dos autores, 2012

---

<sup>7</sup> Palmares ou butiazais constituem fisionomicamente em formações tipo parque, com árvores esparsas ou em pequenos agrupamentos em meio ao campo. Compostos por uma única espécie, o butiá, atualmente encontram-se bastante reduzidos e alterados em função da ocupação em especial da orizicultura e da pecuária no município de Santa Vitória do Palmar.

O turismo associado às lagoas ou ao Arroio Chuí, associado às fazendas históricas ou às atividades produtivas, como a lavoura arrozeira ou a pecuária, permite várias opções. A simples observação de um fogo de chão em uma noite sem lua, sob a via láctea, ou uma cavalgada sob a lua cheia, são apenas ideias incipientes. Na BR 471 há um ponto específico onde se visualizam as águas das duas lagoas, olhando-se em direção ao horizonte a leste e oeste. Os finais de tarde neste ponto da estrada são diferenciados.

### 3.4. Centro urbano

No centro urbano as ruas retas, o casario do entorno da Praça General Andréa, as casas do final do século XIX e princípio do século XX espalhadas pelos bairros da cidade, a Igreja Matriz, com seus becos, o Teatro Independência, o Cemitério Civil, cuja estatuária de mármore possui grande valor turístico.

O sol se pondo sobre a lagoa Mirim, visível de várias esquinas da cidade, de onde se vê o campo. Ruas largas e limpas, trechos de ruas que formam túneis de árvores completamente floridos em determinadas épocas do ano (como por exemplo, a Rua Conde de Porto Alegre entre Mirapalmete e Sete de Setembro, ou a Rua Mirapalmete, entre Neyta Ramos e Saldanha Marinho), a Praça dos Donatos, localizada no bairro que deu origem à cidade. O relevo plano propicia passeios de bicicleta e longas caminhadas. Nas noites de inverno, o fumo e o cheiro das lareiras conferem uma característica particular à cidade.

Roteiros que incluam o casario antigo, que explorem a proximidade do campo, que incluam o Porto, as praças. Piqueniques. Passeios de bicicleta ou caminhadas guiadas. O aluguel de charretes feitas de bicicletas, como há na Usina do Gasômetro em Porto Alegre, para passeios de final de semana em trechos de rua fechados para tal fim. Tanto do centro urbano quanto de qualquer outro ponto do município, podem-se observar os bandos de pássaros que migram ao amanhecer em direção ao leste e retornam para o oeste no final de tarde. Esta observação pode transformar-se em um exercício de relaxamento e criatividade, tal como o observar-se as nuvens. A Praça Central vista do alto da torre da Igreja Matriz, na foto abaixo, e do *foyer* do Teatro Independência é uma opção interessante.

Figuras 6 e 7: Igreja Matriz e anjo velando os mortos, Cemitério Civil



Acervo pessoal dos autores, 2011

### 3.5. Taim

A Estação Ecológica do Taim possui 111.271 hectares, dos quais cerca de 70% estão dentro do município de Santa Vitória do Palmar. A paisagem característica de um bioma marinho costeiro é caracterizada por banhados que tem fauna e flora diversificados. Para visitação, por tratar-se de uma reserva de preservação ambiental, depende-se de autorização prévia, os animais que ali habitam compõe a paisagem de quem trafega pela BR471. Um bom planejamento e a coordenação com o IBAMA- Instituto Brasileiro do Meio Ambiente permitirão o desenvolvimento de atividades turísticas de contemplação na reserva.

## CONCLUSÃO

O que se pretende até aqui é apontar caminhos possíveis para um turismo que não avilte a paisagem, pelo contrário a incorpore como elemento vital. A construção do turismo em Santa Vitória do Palmar como alternativa econômica pode e deve passar não pela construção de nossa identidade como cidade de fronteira, como ambiente de planície costeira, mas pela reafirmação desta identidade.

A compreensão da sociedade pós-industrial aponta o turismo contemplativo como uma possibilidade plausível e até mesmo desejável. A superficial abordagem filosófica feita permite perceber a importância da contemplação na formação mesma do ser humano. Este trabalho não se encerra em si mesmo, é ponto de partida para a reflexão sobre o turismo que se quer para nossa região, que tipo de desenvolvimento

pretende-se e qual o custo que estamos dispostos a pagar pelo progresso que o desenvolvimento turístico certamente traria.

Sendo o turismo de contemplação uma atividade voltada ao contato do homem com o meio, à observação, à meditação, ao reencontro do homem consigo mesmo e de preservação do ambiente, dentro deste processo holístico em que a sociedade moderna se insere, a região de Santa Vitória do Palmar, por suas características, possui os atributos necessários ao desenvolvimento deste tipo de turismo. Não se exigiria em um primeiro momento investimentos excessivos, bem como não provocaria impactos ambientais negativos, se caracterizando como um diferencial turístico na região.

#### 4. REFERÊNCIAS:

BARRETO, Margarita. *Manual de Iniciação ao Turismo*. São Paulo: Papirus, 1997.

BRAGHIROLI, Ângelo Carlos Silveira (org.) *Paisagens do Sul: pareceres de Carlos Fernando de Moura Delphim sobre bens patrimoniais do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, IEL, 2009.

CAMPOS, Sávio Laet de Barros. *Felicidade e Contemplação em Aristóteles: a primazia da sapiência*. Disponível em <[http://filosofante.org/filosofante/not\\_arquivos/pdf/Aristoteles\\_Etica\\_Nicomaco.pdf](http://filosofante.org/filosofante/not_arquivos/pdf/Aristoteles_Etica_Nicomaco.pdf)> Acesso em: 20 mai. 2012.

CARMO, Paulo Sérgio do Carmo. *Merleau-Ponty: uma introdução*. São Paulo: EDUC, 2000. Disponível em <<http://books.google.com.br>> Acesso em: 20 mai. 2012.

CIOFI, Sílvio. *Nos trilhos europeus, locomotivas antigas permitem contemplação*. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/turismo/noticias/ult338u689143.shtml>> Acesso em: 18 mai. 2012.

DE MASI, Domenico. *O ócio criativo*. São Paulo: Sextante, 2000.

DIVISÃO DE TRABALHO E TRÂNSITO/DAER e DIVISÃO DE INFORMAÇÕES TURÍSTICAS/ SETUR/RS (org.) *Demanda internacional por portões de entrada: quadro evolutivo da entrada e saída de estrangeiros nos portais do RS - 2010*. – fonte DELEMIG PF/RS – Disponível em <<http://www.turismo.rs.gov.br/>> Acesso em: 20 mai.2012

KRIPPENDORF, Jost. *Sociologia do Turismo: para um nova compreensão do lazer e das viagens*. São Paulo: Aleph, 2009.

LANGROUPA, Helena. *A excelência da razão, da contemplação e da vida intelectual na procura de felicidade*. Disponível em < <http://www2.dlc.ua.pt/classicos/>> Acesso em: 20 mai. 2012.

MAMEDE, Simone B. e ALHO, Cleber J.R. Turismo de contemplação de mamíferos no Pantanal: alternativa para o uso sustentável da fauna. In: *Simpósio Sobre Recursos Naturais e Sócio-econômicos do Pantanal*, IV, 2004. Disponível em < <http://www.cpap.embrapa.br/>> Acesso em: 20 mai. 2012.

RECH, Elói Pedro. Platão: a busca do justo, do belo e do bem. *Revista Ciência e Opinião, Curitiba*, v.2, n.1/ 2, jan/dez2005. Disponível em < <http://cienciaeopinio.up.edu.br/>> Acesso em: 20 mai. 2012.

ROTTERDAM, Erasmo. *Elogio da Loucura*. Disponível em < <http://www.ebooksbrasil.org/>> Acesso em: 20 mai. 2012

SCHÄFER, Alois et alli. *Fundamentos Ecológicos para Educação Ambiental: municípios de Mostardas, Tavares, São José do Norte e Santa Vitória do Palmar*. Caxias do Sul: RS, EDUCS, 2009.

SCHÄFER, Alois, LANZER, Rosane e PEREIRA, Renata (orgs). *As lagoas costeiras dolitoral médio e sul do Rio Grande do Sul: um ensaio fotográfico*. Caxias do Sul, RS, EDUCS, 2009.

\_\_\_\_\_. *Atlas Socioambiental dos Municípios de Mostardas, Tavares, São José do Norte e Santa Vitória do Palmar*. Caxias do Sul: RS, EDUCS, 2009.

SILVA, Josué Becher e LEONHARDT, Ruth Rieth. A superação da vida contemplativa e a conquista da felicidade em Hannah Arendt. *Revista Eletrônica Latu Sensu*, ed. 6, ano 2008. Disponível em < <http://web03.unicentro.br/>> Acesso em: 20 mai. 2012.